

POEMA ENCONTRADO NO BAÚ DA MINHA AVÓ

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba¹

No coro desordenado dos papagaios-trombeteiros senti tua presença onipotente.
Nas águas turvas do Paraguai, vi teu reflexo lustroso ao lado da vitória-régia.
Então procurei, pelos hexágonos de pedra das ruas que andei,
Teu cheiro cítrico, e a brasa, nos corpos dos homens que aventurei,
na vã intenção de poder te encontrar.

O voo acrobático das garças brancas, o cardume faminto de Jurupensém,
o pôr do sol na Praia do Daveron me levavam até ti.
Por onde andas rapaz encaramujado? Que meu coração consigo levou.
O calor do teu corpo não mais sinto, teus olhos lustrosos aqui não mais abrilhantam,
mas o gosto do teu beijo, único como o sabor do murici
permaneceu em meus lábios solitários e quase virgens.

Até o pio do vim-vim, equalizado foi.
-Fim-fim! - agora eu ouço. Parece que a avezinha sabia de tudo!
Da dor da partida, da paixão encerrada, das palavras não ditas,
do abraço apertado, do olhar marejado.

Do pé de manga, a fertilidade angiospérmica resplandece
a flor abriu-se, ante ontem, e como lembra teu mélico aroma!
Como aquele abraço em frente a igreja matriz sábado a noite,
Como estas preces, esta ânsia de não tê-lo aqui.
Na mudez da noite o teu cheiro exala, a saudade também.

Agora resta-me esperar a próxima cheia, talvez em dezembro...
Mas o que me garante que voltarás? Logo tu que conheces o azul do atlântico,
os risonhos e lindos campos em que há mais flores, o céu fulgurante do nordeste,

¹ Graduando em Letras pela UNEMAT. E-mail: adson312@gmail.com

e as peripécias de viver a bordo?

Será que nos seus relatos de viagem haverá registros meus?

Dos nossos passeios de canoa, das pescas no barranco,
dos filmes de terror no Cine Palácio? Será marujo que
tu lembrarás dos seus dias pantaneiros ao lado
dessa mestiça bororo?

Clamei ao rio por notícias suas, perguntei aos abotoados
se na lama que vivem haviam cartas enterradas.
Pedi ao tuiuiú, bicho alto, subir nas piúvas e observar
se além do Etrúria, outros navios estavam a caminho.

Nada... nada além do comércio no porto,
dos leões de pedra a vigiar o cais,
das ondas calmas acariciando as canoas,
das ariranhas famintas, atrás dos cardumes.

Todos os dias no beiral da porta, me pego lembrando de sua partida,
em que as ainhumas escoltavam o navio rumo às águas mais profundas,
seguindo a brisa gélida daquela manhã nublada de 1940.
E quão tola fui em pensar alcançá-lo com a força de grilo
dos meus finos braços, que remavam sem parar naquela canoinha de angico.

Triste lembrança essa que carregarei
do navio esmaecendo na curva da mini praia,
perdendo a nitidez na cerração das seis da manhã.
De longe só se via o vermelho dos lábios carminados
e o abismo em seus olhos, que pareciam os rebojos
da Baía do Sadao.

Queria entregar-lhe meu coração, mas eu só tinha um bilhete que voou e virou comida de

peixe.